

O AMIGO DO POVO

ASSIGNATURAS

Trimestre . . . 2\$000 - (Pagamento adiantado)

Toda a correspondência deve ser dirigida a NÉVO VASCO
RUA GUILHERME MAW 38 S. PAULO - BRAZIL

Publica-se aos Sabbados

EXPEDIENTE

Aos assignantes pedimos nos enviem o mais brevemente possível a importância da sua assignatura do primeiro trimestre, assim como as quantias com que porventura desejem subscrever.

O pagamento das assignaturas pode também ser feito desde já por mais do que um trimestre.

Desejamos ter em todas as localidades importantes do Brazil, Portugal e Italia, sobretudo, um camarada que nos represente, quer para a colheita de assignaturas e para a venda do periodico, quer para nos ter ao corrente de quanto possa interessar-nos nos factos succedidos na terra da sua residencia.

O primeiro numero do nosso semanario sahi semeado de erros typographicos, que nos era impossivel evitar, em virtude de serem italianos os typographos, e a typographia. Cada emenda cada novo erro... Procuraremos evitar esses inconvenientes.

O que queremos

A guerra entre os homens principiou quando, desconhecendo as vantagens da solidariedade, da associação para a luta, tendo deante de si uma natureza indomavel e barbara, terrivel e mysteriosa, o nosso selvagem antepassado viu no seu semelhante um inimigo, um concorrente. Então o homem mal podia produzir para si proprio, satisfazer as suas necessidades individuais mais rudimentares. Falavam-lhe os meios de luta, os instrumentos de trabalho, hoje tão aperfeiçoados e poderosos, e uma ignorancia profundissima escurecia-lhe o cerebro. Cada um tratava, pois, de agarrar-se quanto podia, eliminando os concorrentes, apesando-se do sustento alcançado pelo vencido: era o puro dominio da força bruta.

Mas a rude humanidade avançou, progrediu. Veio a pastoricia, inventou-se a agricultura. E como o producto do trabalho do homem já podia exceder as suas necessidades, os vencedores acharam que a matar os vencidos seria preferivel fazer d'elles escravos, obrigando-os a trabalharem para os seus senhores.

Novo periodo de lutas, de guerras, de revoltas, de repressões de associações entre vencidos e entre vencedores. A escravatura transformou-se, massacrando-se. Para os vencedores foi-se tornando mais commodo, mais lucrativo mesmo, conservarem seu poder a propriedade exclusiva da terra e dos instrumentos de trabalho e explorar o trabalho dos vencidos, nominalmente livres, mas, por falta de meios de vida, de meios de produção, obrigados a recorrer aos proprietarios, a trabalhar por conta dos senhores, com clausulas por estes fixadas.

E assim fomos chegando á actual sociedade, em que a immensa maioria dos homens é constituída pelos desherdados, espoliados e opprimidos por uma minoria de proprietarios, de patrões.

D'ahi vem para os unicos productores de toda a riqueza, a miseria com o seu sequito de horrores: a ignorancia, o crime, a prostituição, a morte prematura, a doença, o depercimento physico. D'ahi o estabelecimento d'uma classe especial (o Estado, o governo), armada para legalisar e defender os proprietarios contra as reivindicações dos proletarios, avida

de privilegios proprios, conquistados à força, desejosa de submeter à sua supremacia, podendo, a propria classe proprietaria: em tudo isto imitada por uma outra classe especial (o clero) que, por meio d'uma serie de fabulas sobre a vontade de Deus, vida futura, etc., procura levar os opprimidos a supportarem docilmente a tyrannia. E ha mais: constitue-se uma sciencia official, negando a verdadeira sciencia em tudo aquilo que pode servir os interesses dos proprietarios: desenvolve-se o espirito patriotico, os odios de raça lançam raizes, rebentam as guerras, sustentam-se os exercitos permanentes; e enquanto isso o amor se transforma numa torção ou em torpe mercancia, entre os homens reinam a rivalidade, a suspeita, o odio doentio, espalham-se a incerteza e o medo.

Em frente do negro quadro, que queremos nós? Um reviramento completo. Queremos substituir o odio pelo amor, a concorrência pela solidariedade, a procura exclusiva do proprio bem-estar pela cooperação fraterna para o bem-estar de todos, a violencia pela liberdade, a mentira religiosa e pseudo-scientifica pela verdade. Em frente das causas do actual estado de cousas queremos abolida a propriedade privada da terra, das materias primas e dos instrumentos de trabalho, para que ninguém possa viver à custa do trabalho alheio e para que todos, dispondo de meios para produzir e viver, sejam independentes e livremente possam associar-se aos outros, para o interesse commun e segundo as suas sympathias; queremos abolido o governo, suprimido todo o poder que faça leis e as imponha aos outros—monarchias, republicas parlamentares, exercitos, policia, magistratura—qualquer instituição dotada de meios violentos; queremos a vida social organizada por obra de livres associações e federações de productores e de consumidores, feitas e modificadas segundo a vontade dos associados, guiados pela sciencia e pela experiencia e livres de toda a imposição que não derive das necessidades naturaes, a que cada um, vencido pelo sentimento mesmo da indestrutivel necessidade, voluntariamente se sujeita; queremos os meios de vida e de desenvolvimento assegurados as crianças e a todos os incapazes de trabalho; a guerra às religiões e a todas as mentiras, acobertadas embora sob o manto da sciencia; a sciencia ao alcance de todos até aos seus graus mais elevados; a guerra ao patriotismo, as fronteiras apagadas, a fraternidade entre todos os povos; a familia reconstituída pelo modo que resultar da pratica do amor, livre de todos os vinculos legais, de todo o constrangimento economico ou physico, de todo o prejuizo religioso, de todo o despotismo domestico.

Eis o que queremos. Mas como conseguí-lo?

A escolha dos meios é importante: dependem do fim que se tem em vista e das circunstancias em que se luta. Deixando de adaptar-se ao fim que nos propomos, podem conduzir-nos a um outro bem diverso: Vejamos, pois.

A transformação que desejamos não pode ser obra do individuo considerado isoladamente, porque, longe de ser em favor d'um partido, é em proveito de todos os seres humanos: e isto não se obtém pela força mas pelo livre consentimento de todos.

Persuadir, convencer é, pois, a nossa primeira tarefa. Temos de pôr em evidencia alguns males de que o homem soffre, a possibilidade de destruí-los; temos de procurar que se forme e se manifeste a livre vontade de todos para a pratica do nosso ideal, para a conquista de mais bem-estar.

Mas se é absurdo e se contradiz o nosso fim querer impor a liberdade, o amor entre os homens, o desenvolvimento integral de todas as faculdades humanas, por meio da violencia, será igualmente absurdo e contrario ao nosso fim admitir que os que não pensam como nós nos impeçam de realizar a nossa vontade, sempre que ella não lese o seu direito a uma liberdade igual à nossa.

Continuaremos.

Il compagno Vincenzo Bononi è da noi autorizzato a riscuotere gli abbonamenti in tutte le località ove si troverà a passare per suoi affari.

L'Amministrazione.

O Primeiro de Maio

—1789—1887—1871—

A 14 de julho de 1789, os servos da gleba, ensinados e dirigidos pelos encyclopedistas, despedaçando com a Bastilha, o anel de conjunção entre a aristocracia e a burguezia, proclamaram, com os direitos do homem a egualdade das condições economicas.

E o communismo—with guilhotina—substituindo ao nobre o *sans-culotte* nos poderes communaes, teve talvez nesses dias, a sua apothese.

Mas a revolução—feita mais por impeto que por consciencia—se melhorou em parte a situação politico-economica dos povos, creou condições que reproduziram o destrutamento do homem pelo homem.

E as varias formulas aprioristicas de Diderot, Brissot, Rousseau, etc, impraticaveis na epoca da apothese do instrumento de Guillotin, nem por isso deixaram uma grande herança.

Mas o povo ficara abalado; e, aos precursores de 48, impuzera este problema:

«O genio humano impellido por um novo caminho pela descoberta da machina a vapor—machina que colloca a seu serviço milhares de milhares de trabalhadores de ferro multiplicando-se à vontade—fez com que seja contemplada a produção de tudo o que é necessario à vida.»

«Entretanto, o estado de coisas creado pela revolução permitte que alguns burguezes usurpem, em seu proveito exclusivo, todo esse gigantesco desenvolvimento da industria.»

«Porquê?»

Ao desenvolvimento do problema concorreram varias gerações. Foi Fourier, foi Owen, foi Cabell, foram Saint-Simon, Proudhon, Bakunine, Marx, Lassalle, e quantos, quantos outros innumeráveis genios!

O communismo progrediu e surge a Internacional dos trabalhadores.

Que caminho e quanto sangue! E a burguezia, ayida d'incensos; a burguezia nascida com a triste herança dos principes e dos padres; ignorante e inepta; despida da paixão pavorosa de Marat; desconfiada e velhaca, estreitou pactos selectivos com os cadetes dos escapados ao cutelo de 93, para fazer uma guerra sem quartel às idéas regeneradoras da sociedade.

Deslemburada do passado, quer, com as jornadas de Maio de 71, na mesma cidade que proclamara o direito à vida para todos, quebrar o anel que a unia pelas tradições e pelo sangue, ao productor de tudo.

E áquelle—inspirador e conductor d'essas jornadas—que o povo marcara com o cognome de Mirabeau-mosca; e áquelle que em 48 se fez o porta-voz da opinião publica, da democracia do tempo; áquelle que encarnou o partido republicano revolucionario declarando em pleno parlamento: «Eu sou do partido da revolução, não somente em França, mas na Europa»—fez echo a excomunhão mazziniana,

Mas o povo não queria crer ainda.

Thiers podia representar os bonapartistas; Mazzini o irredentismo patriótico: nenhum d'elles podia ser o herdeiro da revolução do seculo anterior.

Era necessario ter provas irrecusaveis do rompimento entre burguezismo democratico e socialismo. E as provas—claras—só as podia fornecer a republica de Lafayette.

Era de lá, do logar onde se celebravam as magestosas festas do trabalho, que se esperava a solução do grande problema; era de lá que se esperava a marretada que havia de despedaçar o anel.

Numa manhã de novembro de 1887, quatro forcas annunciaram, com sinistra resonancia, que a obra do seculo XVIII podia ter sido proficua para a classe de ouro, mas que nada tinha de commun com os *sans-culottes* do XIX.

Os heroes, que haviam subido o golgotha da republica americana, eram reus de ter solemnizado ruidosamente a festa do trabalho.

Os phariseus, por mofa, pregaram na cruz em que expirou Christo o distico odioso:

J. N. R. J.

e os democratras da republica, mais vis e mofadores, enforcaram os festejantes do 1. de Maio em nome da *Liberté, E'galité, Fraternité*!... Oh! *Liberté! Liberté chérie!*... A burguezia republicana pronunciara o *consummum est*... com a classe productora.

Sim! desdeesse dia o 1.º de Maio é festa do povo. E' festa sancionada pelo estrangulamento dos martyres de Chicago; pelos tiros de Roma; pelos assassinios, pelos encarceramentos, pelas desorientadas condemnções de todos os paizes.

E' o dia em que os martyres estremeceem terrivelmente na sua sepultura; é o dia em que os poetas entoam hymnos ao trabalho; é o dia em que os operarios concentram nas suas sociedades o seu grande pensamento e é o dia em que a burguezia, republicana ou monarchica, europeia ou americana, branca, negra ou amarella, afia as suas armas, reúne nas casernas os seus exercitos e desprendendo-se raivosamente das insupportaveis afinidades plebeas, grita desvairada, quasi como ameaça do passado: *remember!*

A Greve Geraí

A nosso ver, nada existe mais efficaç, mais rapido, mais humanitario, para enfraquecer ou aniquilar completamente o poderio burguez, do que suspender a produção em todos os ramos do trabalho e isso durante os poucos dias necessarios, para destruir o valor de troca e permittir aos trabalhadores que tomem posse da terra, das minas, das casas, das fabricas, das machinas, de tudo, enfim, que facilita a produção da riqueza.

Respeitamos os processos revolucionarios passados, mas sem querer copia-los. Cada epoca tem o seu methodo particular, e cada grau de civilização os seus processos novos. A arma da tyrannia será sempre a barbaia, e a dos homens livres a intelligencia.

Quaes os meios de combate ao alcance do proletariado? Apparece no primeiro plano a instrução; mas pode instruir-se, o proletario? Tem elle por ventura tempo para estudar, dinheiro para livros? Que seria dos governantes se os operarios conseguissem instruir-

se e assim, conhecessem as injustiças os roubos e os crimes praticados pelas classes dirigentes? Por isso os exploradores impedem que os explorados se instruaem; isso seria o mesmo que o seu suicidio. Brutos, governam-se sempre, mas homens esclarecidos, nunca!

A instrução que a burguezia deseja para o proletariado é a que faz do proletario uma machina aperfeiçoada produzindo muito com pequena despesa. Se o operario fosse esclarecido sofferia por mais tempo a existencia de parasitas tão insupportaveis como os chefes os padres e os governantes de todos os generos? Os productores não mais deixariam roubar o fructo do seu trabalho, as mulheres não mais se deixariam seduzir, nem deixariam assassinar seus filhos.

Sem duvida, amamos e desejamos a instrução, mas a boa, a verdadeira a que obteremos pela revolução e que não poderá ficar sob a influencia nem do Estado, nem da religião, nem em poder dos capitalistas; a que temos quando nos decidirmos o ser homens livres.

Teriamos ainda como meios de combate, a luta armada, as barricadas. Mas abandonemos esses meios illusorios! A organização militar, com a sua unidade de acção, a sua estrategia, as suas armas aperfeiçoadas, não pode ser vencida a pedradas e a bengaladas seja qual for o valor individual que anime os revolucionarios. Tomaram-se todas as medidas para que as forças do povo se voltem contra o proprio povo e para desviar toda a possibilidade de levantamentos em massa, fora do caso de guerra estrangeira. Ainda mesmo que se desse um levantamento geral que vencesse as forças politicas do momento, os chefes que tivessem conduzido o povo á victoria tornaram-se iam deserto novos senhores.

Que nos resta pois? A legalidade, a resignação, a obediencia? Se por infelicidade, nos detivessemos com esses deploraveis meios, em breve teriamos a mais degradante escravatura.

Para que procurrar tanto, quando temos ao nosso alcance um processo certo prompto e infallivel? Se é certo que o operario tudo produz e que sem o seu trabalho, ninguém vive, para que tanto hesitar, tantas lutas estereis e imperdoaveis suicidios?

Para destruir a burguezia com todos os seus poderes, é inutil, para o proletario, derramar o seu sangue generoso e expor-se a inevitaveis derrotas, tornam-se desnecessarios armamentos, conjuras, talentos assassinatorios.

Basta dizer: Quero! — comunicar a sua vontade aos camaradas e está feito tudo. E' immensa a quantidade de operarios, innumerables os ramos de trabalho e entretanto os productos indispensaveis à vida diaria são limitados. Os operarios de certos misteres considerados muitas vezes insignificantes são contudo a chave de abobada da vida social. Seria uma tarefa enorme propagar uma idea a massas de trabalhadores divididos e subdivididos, como se acham, por opiniões religiosas, politicas e economicas, dispersos para mais e até às vezes absolutamente isolados. Se tratarmos somente de convencer os operarios cujo trabalho é indispensavel à vida social, a tarefa torna-se mais facil.

Uma cidade, sobretudo sendo muito povoada, não pode passar muito tempo sem agua, pão e luz; ora tudo isso depende apenas d'um certo numero de trabalhadores, que tem nas mãos a sorte de todos os outros habitantes. A paredes dos gazistas, moleiros, etc, arrastaria fatalmente a dos outros corpos de officios.

Deixando os mineiros de extrahir o carvão, os carroceiros e transportadores de traze-lo para fora dos poços, os carregadores ficam inactivos e o combustivel falta; o movimento dos caminhos de ferro, dos vapores, das fabricas e das fundições é obrigado a parar, com ou sem a vontade dos trabalhadores ali occupados.

Deixando os agricultores e os creadores de abastecer durante oito dias os mercados das cidades, temos a terra livre das rendas e tributos. Se as desgraçadas crianças que, na industria, servem de ajudantes aos tecelões voltassem aos seus folgoes durante uma semana, suspender-se-ia inevitavelmente o fabrico dos tecidos. E se, em consequencia d'essas paradas, secassem os bebedouros dos quartéis, se ficassem as cavalharias sem forragens, sem aveia, as cantinas sem alimentos, os cavallos dos esquadros e as mulas das baterias tornar-se-iam inuteis e os soldados teriam de procurar para si alimentos e agua.

Depois d'alguns dias de fome, de sede e de obscuridade, a população



ver-se-ia obrigada a apoderar-se dos depósitos para se abastecer e a fazer o arrastamento sem dinheiro tornando-se *ipso facto* inútil e sem objecto o valor de troca.

A coisa é, pois, bem simples e reduz-se a pouco: reunir as forças e os elementos das greves parciais numa greve geral, que devemos trabalhar para estender e tornar internacional. Iniciar esta greve nos grandes centros e só a terminar quando a expropriação for um facto.

Organizar em seguida a produção segundo as regras dictadas pela necessidade.

Depois de ter recebido o primeiro impulso, a sociedade nova encaminhar-se-á rapidamente para a verdadeira civilização.

José L. Montenegro.

Boycotagem

Está declarada em boycottagem, pelos seus operarios, injustamente desatendidos, no protesto, a fabrica de chapéus de Matanó Serricchio & Ca, da rua Visconde de Rio Branco 70, com loja na rua João Alfredo n. 22A.

A todos os proletarios, a todos os camaradas pedimos solidariedade.

Não comprem nessa casa.

Chronicas

Grève Geral. Recebemos o primeiro numero de «La Grève Generale» que principiou a publicar-se em Londres em frances e italiano. Faz um caloroso apello a todos os camaradas, incitando-os a organizarem uma propaganda activa da greve geral.

Em França, dizem os nossos camaradas, o movimento da Greve Geral segue um rumo cada vez mais anarchista e ha numerosos agrupamentos que contribuem para propagar a idea. Em Paris, funciona o Comité de Propaganda da Greve Geral; em Lyon, Marselha, Saint-Etienne, Havre, Montpellier, Alb', Bourges, Dijon, Elbeuf, Viergen, Agen, etc. activam a propaganda outros comités especiaes sahidos dos congressos corporativos d'estes dois annos. E' um resultado que não deve ficar acotonado em França.

«A greve Geral deve ser propagada internacionalmente; é preciso pois, que sem demora se fundem em todos os paizes, agrupamentos que se occupem especialmente desta tactica revolucionaria e mantenham entre si continuas relações.

Noutro lugar publicamos um artigo sobre a Greve Geral. E vem a proposito este assumpto quando se tracta do primeiro de maio cuja idea impulsora está mais clara, mais explicita, mais concientemente expressa, nessa nova e bella forma da Revolução Social: a Greve Geral.

O primeiro de maio iniciou-se esplendidamente: o protesto dentro do campo economico, contra o Capital; o trabalho que tudo produz suspenso: a solidariedade praticada entre todos os operarios de todas as cores, de todas as crencas, indistinctamente. Pouco importa que lhe desse origem a greve geral de Chicago em 85 ou o Congresso de Paris, em 87. Era a revolta, era o ensaio da Revolução Social, que, aliás não tem dia marcado no calendario.

Hoje o primeiro de maio é que o se vê Reduziu-se a uma festa official... O senhor dá complacientemente sueto aos seus escravos... E o bom burguez pacato e honesto, sae tranquillamente, ali tando os dentes, com a senhora e os meninos para ver a festa dos operarios...

Cautela!.. E' preciso trabalhar firme e sensatamente, para que a Greve Geral tenha sorte diversa da do «primeiro de maio!»

Fins pacificadores. — Um telegramma, com data de 19 do corrente, diz-nos de Lisboa que partiram tropas para a Africa Oriental com fim pacificador. Estamos d'aqui a ver o fim pacificador das tropas... Conhecemos a maneira de *pacificar* e de *civilisar*: ha de ser como na China e ultimamente em Barcelona.

Pobres soldados inconscientes!

Magestade republicana inviolavel — Quando Loubet, telegraphom de Paris, regressava d'uma visita, um individuo gritou: *Abaixo Loubet!* O povo respondeu, acclamando delirantemente o presidente. E o individuo? O individuo foi preso, é claro.

Estatua a Bismark — Vae erigir-se uma estatua a Bismark em frente do novo theatro de Berlim. Sabem quem foi aquelle sinistro homem d'Estado que, falsificando um telegramma, espalhando um boato, provocou uma guerra pavorosa.

Leiam, a proposito, um trecho de Mirbeau e um outro do proprio Bismark, publicados no presente numero.

«O Amigo do Povo» publicará no proximo numero:

A transformação libertaria, de José do Valle;

Socialismo à Comte (carta ao Dr. Paulo d'Albermar), de Maximiliano Robespierre;

Um artigo sobre os factos de Milão, em maio de 98 (testemunho presencial. (camarada redactor.) A Cerchiai.

Chronica de Alex.

Xor absoluta falta de espaço, ficam adiados para o proximo numero os breves commentarios que desejamos fazer ao discurso lacrimoso de Prampolini.

Factos e informes

— De Jundiahy: Camaradas do «Amigo do Povo»:

Nesta cidadezinha existe uma fabrica de tecidos (do senhor B. Pires) em poder de propotencas que vergonhosamente sacrificam muitissimos operarios, entre mulheres e homens, obrigando-os a trabalharem durante a bagatela de 13 horas por dia, e ainda por cima a despendem o seu magro salario nos negocios da dita fabrica. Ha poucos mezes estes senhores propotentes tiveram o capricho de forçar os seus operarios a tomarem parte uma festa em honra do gerente que chegava da Europa, tendo cada um de pagar 5.000 rs!

Operarios! por que deixaes que vos chupem até a ultima gota de sangue? Revoltae-vos contra essas infames propotencias dos que só tratam de explorar-vos desde manhã até a noite, vivendo à custa do vosso suor.

25-IV-902

V.

A Guerra

Nisso está, comtudo, a historia despojada dos seus adornos. Eis a talagarcha bordada pelos Herodotos e pelos Thucydides.

Quanto a mim, esse encadeamento de tolices e de atrocidades que se chama historia nem por isso merece a attenção d'um homem sensato. Plutarcho, oom.

L'air d'homme sage, Et cette large ba'be au milieu du v'sa (ge), enche-me de dó, quando nos vem cá elevar às nuvens todos zsses dados de batalhas, cujo merito é ter ajuntado os seus nomes aos acontecimentos trazidos pelo curso das cousas

P.—L. Courier

Movimento Social

Brazil

S. PAULO — A *Liga de resistencia entre chapeleiros e anneos* acaba de publicar um manifesto declarando boycottada a fabrica de Matanó Serricchio & Ca cujos operarios se conservam ainda em greve. Na impossibilidade de transcrever por completo esse manifesto em que se faz um vibrante apello à solidariedade operaria, extraçtamos d'elle algumas passagens.

«Os operarios da fabrica de chapéus Diodato Lemme de Matanó, Serricchio & Ca, da Rua Visconde de Rio Branco n. 70 com Loja na Rua João Alfredo, 22A puzeram-se em greve por um motivo bem justo: os pagamentos estavam sempre em atraso, nunca eram feitos em dias convenientes. Isto é, nos dias 1 e 16 de cada mez. Toda a gente compreende, sem grande custo, os transtornos que taes demoras trazem a homens, que não tem outros rendimentos além do seu seu salario, que não vivem senão do magro e insufficiente productos do seu trabalho. A grande maioria do povo — os que como nós trabalham — todos os homens de coração hão de dizer quem tem razão: se os patrões, que auferem grossos lucros graças ao nosso trabalho, se nós que, além de não recebermos senão uma insignificante parte do que produzimos, ainda por cima somos obrigados a esperar, a esperar o tempo que approveir ao senhor, esquecido de que nós temos necessidades e compromissos a satisfazer.

«O boycottage é uma arma de defesa contra os patrões poderosos, fortes em frente dos operarios, sobretudo quando estes são desunidos.

«E' pois, muito justo que lancemos mão d'essa arma, que bem poucas são aquellas de que podemos dispôr. O nosso grito de defesa, de protesto, o nosso pedido é: não comprem, não tenham negocios com a fabrica de chapéus Diodato Lemme & Ca de Matanó, Serricchio & Ca.»

«Estamos certos de que seremos ouvidos, tal é a justiça da nossa causa.

«Os trabalhadores, sobretudo, por simples espirito de camaradagem, na justa comprehensão dos seus proprios interesses, não hesitarão um momento em auxiliar nos. Noutros occasiões auxiliál-os emos nós: é a solidariedade. Se a não praticarmos, se estivermos divididos, desunidos, nesta luta de todos os dias para a conquista dos nossos direitos, o nosso poderoso inimigo facilmente nos vencerá, nos esmagará.»

Temos em nosso poder o relatório da «Liga» desde 1 de fevereiro até 15 d'abril d'este anno.

Hoje, damos a sua parte financeira, reservando para o numero seguinte, a parte, que poderemos chamar moral. «Chamado pela comissão Administrativa, — principia o relator — para verificar as contas da «Liga» e fazer o balanço até ao dia de hoje, sinto o dever de apresentar um relatório não só financeiro, mas também moral da nossa «Liga de resistencia» que, sem vaidade, é a mais forte e consciente de S. Paulo.»

O relatório financeiro resume-se nisto:

Receita (de 1 de fev. a 15 de abril)	1.716\$000
Despesas	1.290.800
Saldo	425\$200
(Balanço de 17 de abril).	
«Para honra de todos os companheiros procurarei provar, com algarismos, a solidariedade que existe na nossa «Liga», o que estimulará os outros operarios desorganizados a reunirem-se em Ligas de Resistance.»	
Vejamos essa solidariedade efectiva:	
Subsc. para os vidraceiros de Agua Branca. (mez de abril)	95\$000
Subscrição—Longaretti	167\$400
Idem 1.º de Maio	76\$900
Idem a 5 nossos companheiros	441\$500
Total	780\$800

«Estes dados provam que a Liga nunca recusou auxilio a qualquer companheiro, indistinctamente, porque o principal intento d'uma Liga é o apoio mutuo entre os trabalhadores.»

«A sociedade podia achar-se com maiores progressos, se muitos dos nossos companheiros tivessem ouvido o apello que fizemos.»

Portugal

Meus amigos

Lisboa, 19 de Março de 1902.

A necessidade de crear uma grande corrente de solidariedade entre os povos, o que se manifesta pelo conhecimento do caracter de cada povo, leva-me a escrever estas cartas em que annotarei a *li. légere* os acontecimentos de dominio social e litterario que julgue mais significativos.

Portugal parece que se tinha retirado definitivamente da actividade intellectual. O seus ultimos gritos foram

soltados por essa mocidade ardente e impetuosa que pregara as mais largas ideias de justiça e combatia à outrance os preconceitos sociais e artisticos. Anthero, Theophilo, Eça de Queiroz, Ramalho, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, foram os ultimos a manifestar-se com pujança, deixando antever um periodo brilhante em que a litteratura e a arte, fecundadas por um ideal, fossem alguma cousa eloquente e perturbadora, que agitasse o coração do povo e o levasse à comprehensão das mais rasgadas concepções. Mas estes homens interromperam a sua obra. A morte liquidou alguns, como Anthero; outros trabalhos de gabinete afastaram certos, como Theophilo; o meio preveniente alguns, como Ramalho; a inercia tão propria dos artistas afastou espiritos bons como, Junqueiro e Gomes Leal.

Ha annos que este retrahimento se manifestou e parecia fectrada para sempre, em um circulo estreito, a intellectualidade portugueza.

O facto, porem, é que não existe nada mais verdadeiro do que aquelle axioma scientifico: nada morre, tudo se transforma.

Effectivamente uma mocidade ardente e impetuosa surgia nesta terra e em pouco tempo affirmou-se poderosamente.

Os principaes iniciadores d'este movimento são dois novos de muito valor, tanto pelo brilhantismo do seu talento e pela generosidade das suas ideias, como pela integridade do seu caracter. Refiro-me a Mayer Garção e Fernando Reis.

Mayer Garção é o redactor do valente jornal de combate «O Mundo». Critico, chronista, poeta, a sua obra é já consideravel e o seu nome uma indiscutivel gloria da nova geração.

Ainda ha poucos dias obteve um mercedo triumpho no Theatro Normal (D. Maria) com a traducção em verso do *Os Romanescos*, de Rostand.

No jornal em que trabalha foi o chronista que deixou as mais bellas paginas, constituídas pelas suas *Notas e Impressões*.

E' à sua penna, sempre orientada por um grande amor à justiça, que se devem *Os Vermelhos*, publicação quinzenal em que elle e o seu camarada Fernando Reis, publicaram magistrais artigos.

Fernando Reis é o amigo, o camarada, o irmão espirital de Garção. Mais pensador, mais erudito, é o que se pode chamar um obstinado. Marcou um caminho e segue o sem desfalecimentos, sem fraqueza, com a firmeza que provem da consciencia da propria obra. Critico, desempenha o seu papel com uma grande elevação de idea.

Todavia, estes rapazes conservam-se no seu posto, apesar das desillusões já soffridas. Ha annos appareciam abertamente no combate como redactores de *O Inferno*, publicação da critica litteraria, em que alguns novos pretendiam derrubar os chamados *consagrados*. *O Inferno* teve uma vida ephemera, mas ainda tiveram vida mais ephemera as ideias de alguns dos seus redactores.

Uns trahiram o Ideal, liquidando como merceeiros, outros andam aqui pelos cafés collocando uma *corca de espinhos* na Arte e nas ideias generosas.

Felizmente, nem todos se prostituiram e o tempo a que me refiro, tem tido adhesões da moderna camada litteraria e social e promette cumprir serenamente a sua missão.

Entre os novos adherentes permittam que cite Ernesto da Silva,—de que mais adeante falarei—

Nunes Claro, uma bella alma de poeta, enamorado de todas as cousas generosas; Silvio Rebello, um artista requintado, um poeta de extraordinario valor, fazendo vibrar o sentimento com a magia encantadora dos seus versos inspirados, sempre no que é bello e livre; Costa Carneiro, o mais novo de todos, cujo porte aristocratico nos recorda suavemente os jovens e generosos fidalgos russos que trocavam amenidades da côte pela vida bohemia dos revolucionarios, marchando para a Siberia a sorrir e levando nos labios as meigas canções da sua terra; José Augusto de Castro um forte prosador, amando tudo que é justo e proclamando os principios mais radicais para conseguir liberdade; outros, muitos outros batalhar pela mesma obra, como o nosso querido Christiano de Carvalho, o artista e o revolucionario, cuja vida é toda consagrada à causa libertaria.

Retomando o fio do meu pensamento; devo proclamar-lhes que um movimento que se radica nas espheras litterarias e scientificas não pode desaparecer; e que esta mocidade ardente e inspirada por nobres causas honra se honrando a Arte e collocando ao serviço dos mais generosos intuitos.

Ahi têm os meus amigos a nova corrente litteraria portugueza, a unica que se afirma com valor, modestia e honestidade.

E já que lhes falo d'esses generosos camaradas, é occasião de me referir a um que ha pouco fez representar no theatro do Gymnasio o drama *Os Vencidos*.

E' Ernesto da Silva, um dos mais activos militantes do movimento operario revolucionario, collaborador de *A Obra*, ex-leader social-democratico, hoje entregue à propaganda do socialismo libertario.

O drama *Os Vencidos* foi recebido pela critica com as mais lisonjeiras referencias para o auctor. E para a obra, apesar de escarpelar um dos problemas mais dominantes no nosso meio: a familia.

Ernesto da Silva provava que só na familia em que a amizade leal é a melhor fortuna, se encontra a felicidade e, conjuntamente, que a desigualdade social que não permite a todos os seres a satisfação das suas necessidades moraes e materiaes, é um dos poderosos factores da desmoralisação familiar.

Este drama constituiu um novo triumpho para o seu auctor, já applaudido em trabalhos do genero.

Vae partir o correo e só posso dizer-lhes que se pensa em fundar em Lisboa uma Universidade Livre e um Theatro do Povo. Na proxima carta me referirei mais largamente a assumptos portuguezes, Vosso e da causa.

José do Valle



—Em Lisboa, reuniram-se, a 27 de março, varios nucleos libertarios, sociedades operarias, representantes dos partidos democraticos, etc. para tratar da guerra sul-africana e promover uma propaganda anti-militarista.

Concluiu-se:

1.º Que se organisem grupos de propaganda antimilitarista, que façam ver a todos os individuos a inconveniencia de trocarem o trabalho util pela entrada na caserna, e que, relacionando-se com os grupos especiaes de além-fronteiras, promovam praticamente a resistencia ao serviço militar.

2.º Que se promova a publicação de pamphletos e folhas soltas anti-militaristas para serem distribuidas nas officinas e nas casernas, não desprezando todos os outros processos de propaganda que a pratica aconselhar.

3.º Que cada uma das collectividades adherentes a esta conferencia concorra com uma quota não inferior a 500 réis, por uma só vez, para fazer face aos gastos necessarios para a publicação dos primeiros pamphletos ou folhas soltas a que se refere a proposta anterior.

4.º Que se reconheça a utilidade do protesto individual nas casernas, traduzido na recusa a envergar a fardar e a empunhar as armas.

5.º Que se apelle para todas as entidades, quer individuos, quer collectivias, a fim de que promovam por todos os meios uma activa propaganda das ideias expostas nesta conferencia.

Resolven se tambem combater vigorosamente a infame lei scelerada de 13 de fevereiro, contra os «*crimes de anarchismo*» e approvou-se o seguinte:

«A assembléa aqui reunida em favor da paz, aproveita a occasião de ser agora celebrada por todo o mundo civilizado a morte de Jesus, para reivindicar o que constitue a face mais bella do christianismo—a fraternidade humana.

Nesse sentido faz votos ardentés pela boa harmonia entre todos os povos ligados n'uma commun e superior aspiração de justiça, sem armamentos, sem guerras, sem fronteiras, sem barreiras, sem odios de raça, na posse plena da liberdade, e assim affirma a unica maneira permanente de garantir a paz.»

—Do Porto informam que, no dia 30 de março, a «União Primeiro de Maio» nomeou uma commissão para ir no dia seguinte pedir ao chefe do districto consentimento para as *costumadas festas*...

No que veio a dar o Primeiro de Maio! Pobres operarios logrados!..

Italia

Carissimos camaradas:

Vareggio, 30 de março de 1902

Já conheceis, decerto, o qualismo Ferri-Turati, ligados ainda ao mesmo partido pela ferrea disciplina... O que poucos vêem, porém, é que nenhum dos dois, se chegar a scindir-se o Partido Socialista Italiano, fará escola. Com effeito, nenhum d'elles representa as verdadeiras duas tendencias, distinctas.

Turati é um dos primeiros socialistas revolucionarios... e possui uma penna formidavel; Ferri é um scienista moderno e possui uma palavra igualmente formidavel...

D'estes dois dotes pouco communs, sahio o grande alarido. Mas as duas tendencias, parece-me, nada têm de commun com elles, pois que vivem exclusivamente da vida pratica do partido, e resultam, como uma consequencia, do que pode chamar-se «vitallidade».

Os operarios e poucos intellectuaes desinteressados resistem a adaptar-se a uma tactica copiada da vida intima da diplomacia; isto é, querem que a propaganda esteja em correlação di-

recta com o « programma maximo » e accusam os « intellectuaes » de terem tomado muito a serio as promessas da burguezia, esquecendo o verdadeiro programma partidario...

A seu turno, os « intellectuaes », ou melhor, os filiaes do partido accusam a massa de « apostata » e de « anarcoid », pela sua demasiada sympathia pelo movimento da rua. E asseveram que o grande interesse que as massas mostram pela total transformação da sociedade, comprove o movimento evolutivo e todos os esforços por elles feitos para o goso immediato de « grandes vantagens »...

Os primeiros pretendem as conquistas populares sem que se transija por qualquer forma; os segundos acham que podem obter mais, por meios legais.

Os primeiros exigem que os deputados e conselheiros communaes, como maioria, usem, nas respectivas cadeiras, d'uma tactica systematica de vigilancia e obstruccionismo; os outros acham que é melhor aceitar a militarisação de empregados civis, do que deixar cahir « um ministerio liberal »...

Numa palavra: os « anarcoides » reclamam o socialismo com todos os meios... excepto aquellos que possam constituir compromissos com a burguezia, e os « intellectuaes », aceitando embora o programma socialista, julgam conveniente, por enquanto, occupar-se exclusivamente da conquista de quanto é possível, mesmo com a monarchia...

Em outros termos: creio poder affirmar, sem exaggero, que a scisção é a mesma que existia nos tempos da Internacional, com a differença que hoje, em vez de serem os homens que abrem brecha no cerebro dos « partidos », são as idéas que caminham; todos desejam falar, saber, agir...

E digo-vos: a parte sã, o povo é pela revolução e pelo socialismo: a outra parte, pouco numerosa, é constituida pela plutocracia...

Anhelando para os revolucionarios o triumpho sobre os « reformistas », saudovos, queridos camaradas d'« O Amigo do Povo ».

Vosso. e pela R. S.

Det. G. Serricchio.

Os operarios da fabrica de chapéus Diodato Lemme de Matano, Serricchio & C. da rua Visconde do Rio Branco, 70 com loja na rua João Alfredo 22 A. em greve por ser insensível ás suas justissimas e modestas reclamações a caprichosa vaidade dos proprietarios, resolveram boycotter a mencionada fabrica. Operarios! Camaradas! Amantes da justiça! Nada de negócios com a fabrica de chapéus de Matano, Serricchio & C.

Sciencia e letras

A infancia protegida

O patrocínio legal da infancia proletaria é uma triste comedia, a avaliar pelo exemplo citado, no *Journal des Economistes*, por G. de Molinari, explicando como o Estado, em vez de extirpar o mal que pretende destruir, se limita a deslocar-lo, agravando-o as mais das vezes:

«Tal é na Inglaterra, e segundo todas as apparencias nas outras partes, o resultado das leis limitativas do trabalho dos menores nas manufacturas. Segundo uma estatística organizada pela inspectoría do *Employment of school Children*, a industria não emprega menos de 300000 menores, assim repartidos:

Trabalhando em casa 15000
Nas manufacturas e officinas, 45000.
—Trabalhando em lojas, 100000.—
Empregados como creados, 50000.—
Trabalhando nos campos, 50000.—
Vendedores ambulantes, 25000.—
Diversos, 15000.

A vigilância tutelar do Estado apenas se exerce sobre os 450000 empregados na manufacturas e officinas, isto é, sobre menos d'um sexto!

O unico effeito d'essa tutela é fazer refuir a infancia para os empregos que, por sua natureza, escapam ao poder dos regulamentos e, por consequencia, aggravar ahi o estado dos menores, augmentando a concorrência. E toza a fazer leis, a usar da panacéa!

Os horrores da guerra

Dirigimo-nos todos para o campo de batalha.

Logo que chegamos a Gorze vimos os vestigios horribes da luta. A cerca de quatrocentos metros da aldeia, havia duas fossas quasi parallelas, em volta das quaes trabalhavam ainda os coqueiros porque estavam cheias de cadaveres. Os francezes e os allemães lá es-

tavam deitados confusamente. Alguns corpos estavam nus outros vestiam o uniforme, todos tinham um colorido proveniente do horrivel calor.

Seguindo a estrada para Metz, encontramos destroços em quantidade. Só se viam cappotes francezes, capacetes prussianos, mochilas, armas, roupa branca, sapatos papel. Juncavam o solo restos humanos mais numerosos e mais horroresos que os que acabamos de ver. Num campo de batallas vi dois corpos medonhamente mutilados: um tinha uma perna inteiramente arrancada o outro tinha a cabeça meio decepada, emquanto que a mão direita, rigida, tinha ficado erguida para o céu, num gesto supplicante. Havia sepulturas marcadas com restos de espingarda e outras com pedaços de caixas de charutos, partidas para esse fim. De tudo isso subia um cheiro intoleravel, e, quando, de tempos a tempos, passava uma brisa sobre os cavallos mortos, alli estendidos aos milhares, esse cheiro tomava-nos a garganta e impedia-nos de respirar ao mesmo tempo que nos apertava o coração.

(Das Memorias de T. Marck).

Tomou-se a Bastilha para pôr ahi o poder o sur. Loubet, de Montelinar.

João Chagas.

Heroes e bandidos

Um homem mata outro para roubar e detito, e encarcerado, condemnado ingominosamente a morte, amaldiçoado pela turba, a cabeça cortada sobre o odioso calafuso.

Um povo faz uma mortandade noutro para arrebatar-lhe campos, casas, riquezas, costumes... E' acalmado; as ceidas cobrem-se de galas para receber os que voltam cheios de sangue e de despojos; os poetas cantam-nos em versos embriagantes, as musicas festejam-nos: homens com bandeiras e charangas, donzellas com ramos d'ouro e de flores acompanham-nos, como se elles acabassem de fazer a obra da vida ou a obra do amor.

Aos que mais mortes fizeram, nos que mais roubaram, concedem-se titulos retumbantes, honras gloriosas que devem perpetuar os seus nomes através dos tempos.

Diz-se no presente para o futuro: « Honrarás este hero, pois só elle fez mais cadaveres que mil assassinos.

E emquanto o corpo do obscuro matador apodrece em sepultura infame depois de decapitado, a imagem do que matou trinta mil homens ergue-se venerado, no meio das praças publicas ou repousa ao abrigo das catedraes, em tumulos de marmo e hemdito, que anjos e santos guardam. Tudo o que lhe pertenceu chega a por-se entre as reliquias sagradas e os povos, em romagem visitam os museus para admirar a sua espada, a sua cota de malha e o pennacho do capacete.

O tavió Mirbeau.

Nuestro concepto de las huelgas

Para que hacer nuevamente la historia de esas escaramuzas entre el capital y el trabajo? Sus desastrosos resultados demasíado a la vista están para el segundo, para que perdamos el tiempo en rezenarlas.

Hablar de los fines y conducta que deberemos observar los trabajadores contra la burguesia en las luchas que aun sostenemos con ella, tales son los dos principios de que nos vamos a ocupar hoy suscitadamente.

Las huelgas deben ser consideradas como parciales luchas, en las que el trabajador, como centinela avanzado de la anarquía, hace ostentación de sus ideas y procedimientos revolucionarios en pequeña escala, manifestando-se a la Sociedad—que le reserva el ultimo lugar en el consumo y en todo—no como humilde siervo, que suplica, sino como hombre de la revolución que se impone.

E imponerse con audacia y cinismo, he aqui el secreto de sus triunfos.

Asi consideradas las huelgas, nosotros les prestaremos nuestros hombros y nuestra excitación más fervorosa y violentatise

hará sentir en su favor, siempre que, además, tengan por objeto avezar a los trabajadores, a los combates contra la burguesia; pero en esos momentos de combate queremos vernos vencedores, jamás vencidos.

Que si en imponerse con audacia está el triunfo, el triunfo, el triunfo, repetido es el camino que conduce directamente a la revolución social.

Para ello es indispensable que los burgueses que es el enemigo a quien hay que vencer paguen por completo los gastos de la huelga.

Ha terminado y sino ha terminado, debe terminar, acudir a la solidaridad obrera en demanda de recursos. Los obreros somos pobres, y sólo podremos coaligarnos para prestarnos nuestro apoyo personal.

Nosotros debemos tomar de los establecimientos y almacenes públicos y privados, como indemnización de guerra, cuantas provisiones nos hagan falta para el sostenimiento y buen éxito de la misma, a la manera que los partidos políticos, en lucha consigo mismos, asaltan trenes, roban y saquean, destruyen e incendian, y exigen contribuciones a los pueblos, a fin de sostenerse con empeño en el campo de la lucha y obtener el logro de sus ambiciosas miras.

Esta es la conducta que se impone, sacada de la historia de las guerras civiles y de conquistas y esta es la conducta que, suceda lo que suceda, queramos ver observada con fidelidad y ardimiento por nuestros compañeros, aun que sea en sus menudadas ambiciones de « ocho horas de trabajo; que el objeto es vencer, sea el que quiera el fin por el cual haya de haberse rendido, y hacer tatar el freno al enemigo cuantas veces sea necesario hasta la realización de nuestros ideales.

En resumen, tal es el criterio que nosotros aplicamos a las huelgas, criterio violento, es verdad, como violentos deben ser todos los procedimientos que empleemos contra los burgueses, como violentos, y además inmorales, son todos los que la burguesia emplea contra nosotros; como violentos son todos los actos de fuerza, hoy desgraciadamente necesarios para conquistar una particula de libertad y justicia.

El platonismo no puede imperar; acabo el tiempo en que los trabajadores, declarados en huelgas, paseaban las calles o se retiraban a sus casas, cruzados de brazos, esperando en esta actitud que el dios burgués obrará milagres.

El obrero de hoy ateo y materialista, no debe contar más que con sus propias fuerzas, y fuerte con ellas desde el primer día em que se declara en huelga, debe cobrar el jornal de un modo o de otro para tener con que alimentar a su familia; y esto todos los días, hasta que haya cesado las circunstancias que le obligaron a adoptar aquella actitud.

Solo es facil así, que el burgués vencido se apiade de el, y le llame al trabajo en las condiciones que desee trabajar, que no poca virtud será todavía en el si con ellas se conforma.

Lo que se dice de las huelgas debe aplicarse a las crisis de trabajo, a las que con frecuencia aterradora, solo comparable con nuestra estupidez y cobarde actitud, nos tiene tan acostumbrados la bu Estruguesia. as crisis de trabajo, no pueden tolerarse por más tiempo, y hay que salir al encuentro con la misma protesta y enérgicos procedimientos que acabamos de indicar para las huelgas; esto es apoderarnos de las maquinas é instrumentos

del trabajo de las fabricas y todos sus almacenes, en propiedad común de las colectividades obreras.

Juan Bautista Perez

Boicotaggio

Non comprate i cappell della fabbrica Diodato Lemme, di Matano Serricchio & C.

Povero Primo Maggio!!!

Povero Primo Maggio; esclamai sere son, leggendo sull'Avanti! questo breve per quanto espressivo telegramma:

«I deputati socialisti hanno presentato un progetto di Legge che riconosce ufficiale la festa del 1.º Maggio. Il governo non si è opposto a che tale progetto venga esaminato dalla stessa commissione incaricata di studiare il progetto dell'On. Pellegrini per l'obbligatorietà del riposo festivo.»

E mentre, quasi non volessi dar retta ai miei occhi, rileggevo per la seconda volta quelle frasi spiccenti col loro carattere neretto sul fondo bianco della carta, ripetevo col cuore « Povero 1.º Maggio!!! »

Chi lo avrebbe detto che quegli uomini che vollero dare a te, o primo Maggio, quel carattere che ebbe il suo battesimo di sangue, nel mondo intero, arrivassero un giorno a darti l'estremo insulto mettendoti a livello di una macchina pasqua di resurrezione o di un XX Settembre qualunque.

Dunque non sarai più il giorno in cui gli operai di tutto il mondo ricordandosi di essere uomini e come tali aver diritto ad agire impongono a l'eterni sfruttatori la propria volontà; non sarai più quella data che deve educare il proletariato e prepararlo ad un'altro Primo Maggio più lontano sì, ma non per questo meno sicuro ed inevitabile!

No! grazie ai nostri onorevoli socialisti, sarai la festività obbligatoria, legalizzata, che paralizzerà la vita laboriosa come nella ricorrenza dell'onomastico di un qualche re citrullo e d'una qualche regina prostituta.— Come tutto ciò è triste e doloroso! E come sarete contenti, o cari onorevoli, quando vedrete sventolare accanto alla bandiera rossa della libertà, quella stessa bandiera ancor lorda del sangue proletario sparso laggiù nelle lande africane.

O, ma badate però, che non sempre tutte le ciambelle riescano col buco, e, come dice un'antico proverbio che è imparato sui banchi della scuola: Tanto va la gatta al lardo, che ci lascia lo zampino.

Ma dunque non temete che il popolo, questo eterno minchione che avete finora portato pel naso ed al quale volete recare oggi l'ultimo insulto non vi si pianti infaccia domani gridandovi sul muso quell'imprecazione che oggi viene spontanea in me: Mistificatori!! Alla gogna!!

G. Sorrelli.

S'invitano i componenti il Nucleo Filodrammatico Libertario d'intervenire alla riunione che si terrà Domenica 4 Maggio alle ore 3 pom. al Cambucy, Caminho do Ypiranga n. 9, dovendosi trattare cose importantissime. Coloro che avessero contpendenti coll'amministrazione sono pregati di mettersi in regola fino a quella data.

Il segretario
G. Sorrelli.

A CHI TOCCA

Insistendo i quotidiani « Fanfulla » e « Tribuna Italiana » a farsi telegrafare la propaganda dell' ex anarchico avv. Gori a favore dell'emigrazione Italiana diretta verso l'Argentina, anziché verso il Brasile, e continuando molti a credere che, il Gori, di fatto sia un venduto ed un rinnegato, noi, ci troviamo obbligati a smentire categoricamente le calcolate panzane di questi rabagas del giornalismo, cui tutto sembra lecito, per gli interessi delle loro botteghe.

Due nostri compagni chiesero una rettifica al « Fanfulla » ed oltre ad una dichiarazione, gli mandarono un brano d'intervista del Gori con un redattore della « Tribuna » di Roma, perchè la riproducesse se non altro, per togliere da dosso al compagno nostro l'accusa e di fedigrafo e d'agente agli ordini d'un governo.. ma nulla—santa imparzialità!—venne pubblicato.

Ora noi non cadremo nell'errore di domandare la stessa rettifica all'organo che si pubblica nella strada sacra a venerare pandemia... se due compagni pensarono leale un frate, non è ragione per noi credere leale una fallafora assai nota pel suo puttaneggiare continuo, ma ci contenteremo da queste colonne in cui si scrive ciò che si pensa e non ciò che si paga — di gridare ai farisei della penna: Fate i vostri interessi come meglio credete, ma non servitevi di noi come mezzo... che a simili ginocchi non ci prestiamo. Per vostra norma Gori è anarchico quanto prima; per vostra norma egli non è incaricato che d'una semplice missione scientifica (e vi sfiliamo a provare il contrario): e... per norma del pubblico ripetiamo, una cosa molto vecchia, esser voi gli stessi ciarlatani di ieri e di oggi.

Ed ora un consiglio: Non scherzate col fuoco!

Ecco la lettera di Gori:

Ai lavoratori

Come parecchie altre volte, e sempre quand'io sono lontano e indefeso, la calunnia dei nemici e dei falsi amici, si compiace dilaniare in mille forme il mio nome. È una vecchia arte, per la quale — al di là dell'uomo — il bieco livor partigiano mira a colpir l'idea; quando non è (nelle file stesse a cui appartiene il calunniato) cieco delirio di mutua persecuzione, che fu rovina di molte rivoluzioni e sul quale soffiano quasi sempre rabbuize e ambizioni insoffribili, invidie inconfessate.

Anche questa volta bastò che un giornale di costà riportasse più o meno telegraficamente da un'altro di Genova, una intervista fantastica sull'Argentina fabbricata inesattamente su qualche frase scambiata con un giornalista, perchè subito i molti che mi odiano organizzassero contro la mia reputazione un'indecente cancan di vituperio da una sponda all'altra del Plata; ed alcuni miserabili Sparafucile della penna si affrettassero a ricamarvi sopra non so qual conferitami carica lucrosa dal governo Argentino in Europa e quale sbruffo (ahviscido camorrista dell'Italia) da 5 centavos, come puzza di te questa parola! che mi dovrebbe convertire in cantastorie ambulante per il vecchio mondo.

Ah dunque non bastano quindici anni di animoso lavoro, tutto spremuto dal cervello e dal cuore attraverso il dolente sterminio delle braccia e delle dignità umane, sposando tutti i dolori e tutta le speranze delle moltitudini incontrate ed amate nel

vasto cammino per il mondo che divenne la patria grande, quando la patria piddola si fece matrigna — non basta aver sorriso alle minacce più truci, alle ironie più amare, ai più neri tradimenti. aver rovinato salute e fortuna e vista sfiorir, la giovinezza in un ramingaggio faticoso, nel quale solo la gioia, era stata l'idea interna, lume solitario, sola ambizione quella di irradiarlo coraggiosamente sugli uomini con tutta la forza dell'amore con tutta la volontà del sacrificio?... Non basta non basta.

Che un furfante passi alle spalle di Rabbi di Nazareth, quando s'avvia al Golgota, o dietro la ondata popolare che segue Confucio o presso il carcere di Socrate — ed a quel furfante tenga la voglia malvagia di lanciare al giusto una contumelia, oh da quante bocche non scellerate; eppure inconsciamente infami, sarà ripetuta la triste parola, e il contagio di viltà contro l'indifeso susciterà nella folla il primitivo istinto animalesco dell'uomo quello di mordere, di sbranare. Se dunque codeste colossali figure della storia non sfuggirono alla sorte comune — potrò lagnarmi se avviene lo stesso a me povero milite di una idea, tanto più grande quanto meno compresa da molti, anche di quelli che se ne ammantano?...

Ciò ch'io spero, o lavoratori, d'America è che alle insinuazioni nuove come già alle vecchie, alcun di voi che m'han conosciuto e malgrado le inevitabili imperfezioni, stimato nella sincerità dei propositi e nell'ardente amor di giustizia abbian riserbato ogni loro giudizio, e quando il calunniato avrà almen potuto, così da lungi, e senza che gli sia dato fronteggiare gli accoltellatori del suo buon nome difendersi?...

Difendermi?
Ma io accuso! Accuso costesti cavalieri della forza, ed i loro staffieri di penna e di viltà che rappresentano costà al Plata la importazione più sudicia della criminalità larvata italiana, s'appata al codice comune. Non ci voleva che cotesta schiuma di purezza per insinuare che ero pagato dal governo argentino, per magnificare codesto paese in Europa quando costà proclamai in cento occasioni, ed in ogni più remoto angolo della Repubblica e del Sud America, tutto il marcio che pur costà cola da ogni lato e che il popolo deve sopprimere con l'energia della sua volontà sovrana, con tutto il bello ed il buono che egli deve conquistare alle terre ampie e generose, ch'egli col suo sudore feconda,

Accuso quei nemici politici, ch'ebbero la bassezza di servirsi di codesta incredibile calunnia, per danneggiare non solo l'uomo lontano, ma le idee ch'egli onestamente portò da per tutto, come orifiamma di combattimento agitandola in nome, del libero pensiero, innanzi ai sanfedisti di Cordoba e di Assuncion del Paraguay, in nome della fratellanza umana, in faccia ai patrioti cileni; e dovunque, dalla cattedra alla tribuna popolare, dalla stampa al Foro, sempre levandomi in difesa dei miseri e dei calpestat.

Accuso quei compagni, che per sfogare le ire invidiosette stettero sempre in agguato d'ogni maldicenza e d'ogni pettegolezzo, aleggiante sul mercato della poltroneria intellettuale onde colpirmene alla schiena, dopo avermi sorriso ipocritamente.

Sfido tutto cotesta gente, a provare una sola delle vigliaccherie, fucinate per ingnoranza malignità e perfidia durante la mia assenza; e spero che cotesti Aristarchi verranno a sostenermi in faccia, che io deviai di una sola linea dal retto cammino

quando io rinfacerò loro, pubblicamente, la viltà dell'aggressione.

A voi soli, lavoratori, a cui appartiene quanto di meglio possono dar tuttavia la mia intelligenza e il mio amore per la causa vostra, a voi soli perdono, se l'onda dei sospetti malignamente agitata vi suggerì il dubbio contro di me. Guardandomi in fronte al ritorno, vi leggerete l'antica lealtà.

Pietro Gori.

Cappellai!
Non andate a lavorare nell'fabbrica di Matanò Serriccio & C.

BANDITI

De larrons à larrons il est bien des degrés:
Les petits sont pendus, et les grands sont titrés.

Fr. de Neufchâteau.

Parlamentare e bandito sono oggi una stessa cosa.

Il parlamentare è il bandito che tenta salvare i privilegi di una società infame; l'altro bandito rappresenta il lugubre contrasto d'istinti analoghi che si sviluppano in lui all'infuori del delitto innalzato a privilegio dalla legge. Il primo paga il gendarme col sudore del popolo, il secondo ne giustifica l'opera, la necessità.

Il bandito onorevole crea la legge, la legge crea il bandito della macchia l'uno è la causa, l'altro è l'effetto.

Turati il lupo ricoperto dalla pelle d'agnello ha lasciato finalmente la sua epidermide da strapazzo per mostrare nuovamente il suo muso lungo, e il suo pelo naturale, irsuto, borghese.

Eccolo la storia: Pietro Calcagno, il compagno nostro carissimo mandato al domicilio coatto dal governo ibrido buffone e feroce di Gennariello il picciotto, è stato portato candidato nel V Collegio di Milano, come tutti sanno, malgrado il suo rifiuto. In questa faccenda il Turati ritirò spontaneamente la sua candidatura in quel collegio dichiarando ch'egli era di parere, tanto più che trattavasi di un perseguitato politico, di appoggiare, l'elezione del Calcagno, per riparare in certo qual modo alle sue vili dichiarazioni colle quali giustificava l'arbitrio del governo in danno del Calcagno stesso.

Il giorno stabilito per le elezioni arriva, Turati e i suoi sicari mutan bandiera, nell'atto rinnegano l'opera loro e il nostro amico è lasciato in asso.

Per noi che non crediamo un fico nelle lotte elettorali l'elezione del Calcagno non ci avrebbe fatto ne' freddo ne' caldo, ma per quella gente che ne propone, senz'essere cercata, la candidatura è altra cosa considerando essi la partecipazione alla vita parlamentare come il cardine delle aspirazioni del proletariato, dovendo questa lotta, secondo il loro procedere l'evoluzione delle società umana, per loro questo fatto non si può qualificare che col nome di truffa.

Questo caso nuovo negli annali delle malandrinate parlamentari non ci avrebbe sorpreso affatto, se i celpovali non fossero quella genia spuria di socialisti, il cui unico scopo è quello di riabilitare il tardato sistema borghese. Essi nelle grandi lotte della scheda si sgolano a tutt'uomo per predicare alle masse la necessità di eleggersi dei deputati socialisti, unica genuina rappresentanza disposta a proclamare i diritti degli umili.

Ma come abbiamo veduto, in questi giorni, la commedia doveva aver un atto ancor buffo; dopo vent'anni di vita parlamentare il nucleo socialista alla camera per bocca di frate Prampolini ha dichiarato la sua impotenza e la sua pusillanimità, chiedendo ad un governo bugiardo e sanguinario l'elemosina della sua benevolenza. Tanta umiltà commosse fino al midollo Banchieri il buon padre guardiano di Montecitorio che glorioso d'un tanto apostolo andò tutto in brodo di giuggiole nel mentre che il resto de' Frati Zucconi intuonava le litanie al novello santo.

Poveri gattini!
Costa, l'uomo della scheda e della carabina con altri due nauseati da simili baggianate si eran ritirati dal fango, per ricaderci poi colla vergogna di una servile condiscendenza.

Ora la commedia del Turati è finita la banda parlamentare ha riso dello sgomento d'un padre di famiglia, relegato sopra uno scoglio, che vede depere ogni giorno un po' la sua mal ferma salute senza poter dar pane ai suoi figlioli.

Quest'è l'opera del bandito parlamentare.

L'altro bandito il bandito de' boschi e della montagna da piaga pumelata, visibile della società borghese la malvagità creata dalla legge e nutrita dalla religione che s'incarna oggi in Giuseppe Musolino.

Questo bandito ha molte analogie col suo fratello parlamentare, anch'egli sente un piacere matto una volontà acre nel colpire le sue vittime. Un giorno lo vediamo nascosto in un bosco spianato da una sua vittima ed aspettarla al varco. La vittima viene tiene per mano un fanciullo, il bandito non si commuove alla presenza di quell'innocente; vuol compiere la sua vendetta ad ogni costo; ordina alla vittima che vuol imolare d'abbandonare il fanciullo, o altrimenti avrebbe compiuto lo stesso il suo proposito, deciso di uccidere anche il fanciullo piuttosto che lasciarsi fuggire l'uomo. Il padre abbandona il figlio per non sacrificarlo il bandito scarica nel petto l'arma omicida, poco dopo il bambino fu trovato più morto che vivo che fuggiva da quel luogo fatale pieno di spavento e d'orrore.

Un giorno il bandito s'intoppa nei carabinieri che non lo riconoscono, e gli però si turba alla loro presenza la gente feroce è anche la più vile! i carabinieri insospettiti l'inseguono; urta in un filo di ferro e cade; i carabinieri gli sodo addosso si fa arrestare come un vile; la morte che dava agli altri con voluttà lo spaventa.

Noi compiangiamo questa vittima, questo bandito fratello de' suoi carnefici. Vittima perché la società che lo rifiuta ancora una volta è quella stessa che lo perverte fanciullo e che lo sfrutta uomo vittima perché la società gli dette un Dio da adorare e de' santi da venerare quelli stessi a cui un giorno doveva affidare l'esito della sua vendetta; vittima perché un prete credente per mestiere gli atrofizzò la ragione e lo rese fanatico fratello de' suoi carnefici per la viltà che gli uguaglia.

Ora questo bandito è sotto le unghie dei banditi della legge che l'hanno richiesto del suo onesto parere sul regicidio; ed egli nella sua risposta gli ha esauditi da fratello.

Povero bandito noi ti compiangiamo di cuore perché sei vittima; e tanto più ti compiangiamo essendo tu il bandito più onesto che abbia giudicato Bresci.

Gli onesti, non dovrebbero comprare i cappelli di Matanò Serriccio & C.

Per la Storia

In questi momenti di ministerialismo acuto, non crediamo ozioso dare in pasto ai lettori un bilancetto morale dell'opera indefessa spesa pel popolo dal "comp gno", Millerand rappresentante socialista al parlamento francese e compagno di gabinetto al famoso assassino dei 33 mila comunardi parigini.

Cominciamo dalle promesse fatte col suo manifesto programma indirizzato ai suoi elettori durante le elezioni che hanno preceduto la sua andata al potere.

« Elaborazione d'una Costituzione per opera d'un'assemblea costituente eletta appositamente: la Repubblica posta al disopra d'ogni discussione; assemblea unica rinnovabile per terzi: libertà fondamentali garantite dalle leggi costituzionali; organizzazione del suffragio universale; larga autonomia; la costituzione e le leggi essenziali sottoposte alla ratifica del suffragio universale (referendum); separazione della Chiesa dallo Stato; soppressione del bilancio dei culti; il clero sottoposto al diritto comune; riforma della legge di reclutamento; riduzione a due anni del massimo della durata del servizio militare; cambiamento dei principi sui quali è basata l'organizzazione giudiziaria francese: abrogazione della legge scellerata del 1893 e 1894; revisione dei codici; soppressione delle spese, privilegi e monopoli giudiziari; responsabilità dei funzionari e degli eletti qualunque sia il loro grado imperativo; legge organizzante il diritto di revoca da parte degli elettori, ecc. »

A queste esplicite e chiare promesse aggiungeremo la dichiarazione fatta nel 1893 dallo stesso Millerand durante un discorso tenuto al banchetto dato dai municipi socialisti:

« Tali sono cittadini. i tre punti necessari e sufficienti per caratterizzare un programma socialista: inteso dello Stato per far passare dal dominio capitalista al dominio della nazione le diverse categorie dei mezzi di produzione e di scambio a mano a mano ch'esse divengono mature per l'approvazione sociale; conquista dei pubblici poteri accordo internazionale dei lavoratori. Che un tale programma minacci gli interessi dei baroni dell'aggettaggio e della speculazione ecco il suo onore e la sua forza. »

Rammentiamo inoltre che il Millerand che non ha temuto di trovarsi ogni giorno in presenza dell'assassino Gallifet, era tra quelli che al congresso di Londra rifiutarono di avere un contatto sia pure fisico con gli anarchici e che a questo stesso congresso la sua adesione al socialismo fu acclamata da dichiarazioni ancora più categoriche di quelle citate sopra.

Ora vediamo secondo i voti dati in parlamento come si è comportato di

fronte alle dichiarazioni fatte prima di arrivare al potere.

Millerand ha votato contro una proposta d'accordare 100,000 f. anche agli scioperanti del Doubs; — contro un'altra proposta tendente a « proibire » l'intervento dell'esercito negli scioperi; — contro un progetto « socialista » per l'introduzione del sistema d'accomandita per gli operai della tipografia nazionale; — contro l'invito al ministero dei lavori pubblici d'inserire nel quaderno delle spese le disposizioni relative alle condizioni del lavoro (massimo delle ore di lavoro e minimo salario). Millerand ha respinto un emendamento presentato da un socialista per elevare a 16 anni il limite dell'età a cui possono impiegarsi i fanciulli e per ridurre a otto ore (i tre famosi otto) la giornata di lavoro — ha votato contro un emendamento presentato da un opportuniste e che la Camera ha adottato secondo il quale il lavoro delle donne e dei fanciulli impiegati nelle miniere non potrà sorpassare le otto ore di lavoro effettivo.

Millerand ha votato ancora contro l'abrogazione delle leggi scellerate; — contro la soppressione delle sottoprefetture (programma radicale); — per il mantenimento dei commissari speciali istituiti per la sorveglianza degli anarchici; — per i fondi segreti. — Ha approvato nel consiglio dei ministri l'autorizzazione a procedere contro Urbain Gohier (che aveva chiamato Abdul Hamid assassino); — ha votato con la destra (la famosa destra tanto disprezzata) contro un progetto di legge tendente alla separazione della Chiesa dallo Stato e alla soppressione del bilancio dei culti. Si è astenuto nel voto per la soppressione dell'ambasciata al Vaticano.

Millerand ha votato contro il seguente ordine del giorno presentato dai socialisti: « La Camera invita il governo a deporre un progetto di legge per la soppressione d'ogni genere di decorazione. » Egli ha votato l'ordine del giorno di fiducia nel Ministero per il massacro della Martinaica ha decorato un grande industriale chiamato Paquim il quale aveva subito a 103 condanne per infrazioni alla legge sul lavoro delle donne e fanciulli; — ha approvato, in seguito all'affare di Châlons (soldati che uccidono gli scioperanti), non solo l'ordine del giorno di fiducia nel Ministero, ma anche l'aggiunta seguente presettata dal deputato Mas-ahau: « E la Camera riprovando le dottrine collettiviste con le quali si abusa del popolo, passa all'ordine del giorno. »

In un memorabile discorso fatto all'inaugurazione del padiglione dell'officina del Creusot all'Esposizione di Parigi, ha lodato l'affamatore Schneider. Egli ha permesso l'espulsione del deputato socialista Morgari da Marsiglia; — ha lasciato passare senza protestare la proibizione del Congresso Socialista rivoluzionario, e non ha protestato neppure per l'istradizione di Sipido (il belga che aveva fatto fuoco sul principe di Galles), approvando così la violazione del diritto d'asilo. Infine è stato ora ora decorato per la seconda volta dall'autocrate di tutte le Russie.

E mi pare che per un ministro socialista potrebbe bastare. Faremo solo osservare che la maggior parte dei deputati socialisti alla Camera francese lo seguirono sempre nei suoi voti. Per la veridicità di tali asserzioni non c'è che da consultare il giornale l'Officiel.

Millerand

Procurando assignantes e rivendedores do nosso semanario, os nossos camaradas, todos os amigos do saber facilitarão a vida da folha, auxiliarão a propaganda

Livros e folhetos

Vendem-se nesta relação:

A Sociedade Futura, por Jean Grave 3\$000
Pelo correio registrado 3\$500
Carta a Pio VII, por Talleirand 500
Entre Camponeses, por E. Malatesta 400
A minha Defesa por J. Etievant 300
Escravidão antiga e moderna, por E. Aranha 500
A Moral Anarchista, por Kro. 500
potkine 500

Excêlentes traduções:

No Rio de Janeiro, vendem-se, alem d'essas obras:

Germinal, por Emilio Zola 3\$000
Determinismo e Responsabilidade, por A. Hamon 1\$500
A Igreja e o Proletariado por H. Salgado 400
Pedidos a J. Motta Assumpção, rua dos Invalidos 24 (Villa Ruy Barbosa).

Esta Redação encarga-se de mandar vir do Rio ou da Europa qualquer obra de orientação libertaria, pagando o comprador as despesas do correio.

Em Lisboa, alem de todas as obras citadas, vendem-se:

Autopia à Biblia Sagrada, de H. Salgado, moeda forte 1'0
A Ideia Discurso do Dr. Bernardo Lucas, no tribunal 40
Os Crimes de Deus, por Sebastian Faure 20
Pedidos a A. E. Dias da Silva, pateo do Martel, porta n. 2.

A politica é uma sciencia que tem por unico objecto o estudo dos meios mais convenientes para poder adormecer o mais profundamente possível a intelligencia e a iniciativa dos trabalhadores.

D. Femillen

Piccola Posta

D. Donati—Bello Horizonte. Ditevi Socialista fin che volete, ma compagno nostro, no. Malatesta si guadagna il pane facendo l'incannatore d'acqua o di gaz e Millerand, pieno diciondoli, accompagna la sua Signora che fa sfoggio della più ricca toilette della società.

Ampa o. — Ci dispiace, ma pure Donati è del parere che ti toccherebbe la sorte di Ferraroli. Qua non è affare.

Sorocaba.—Olive—Fai meglio che puoi. Però con sollecitudine.

Ribeirão Preto.—Fabbri, oppure qualche altro compagno.

Mandateci informazioni, precise sul fatto di Battista il pittore.

Rio—Motta A. Foram 8\$000
Quanto rendeu a venda dos jornaes?

Porto.— (Portugal)—C. C.—Manda artigos, correspondencias, jornaes operarios.

Valentino.—Rio — Abbiamo ricevuto rs. 9000. Ma sappi che non abbiamo nulla di comune col Germinal.

OPERAI!

Ricordatevi che la Lega di resistenza fra i cappellai ha boicottato la fabbrica di cappelli di Matanò Serriccio e C.

SUBSCRIPÇÃO voluntaria, per manent, para "O Amigo do Povo,,"

Cerchiai, 1000; Donati, 3000; Vasconcellos, 3000; Queiroz, 4500 B. Mota, 4000; A. Salvatoni, 5000; A. Martini 10000; A. Volpi 1000; S. Mancina, 1000; Cioci, 3000; Resto di bibita, 100; Morretto, 1000; Canonici, 2000; Lazzarini, 2000; Cortopassi, 2000; Antonio Alferini 1000; Osv. A. 5000. José Zaragoza, 2000; Giovanni Cresta, 1000; Joan R. 2000; Dardi Carlo, 500; N. N. 500; Marco, 500; Ranotti, 1000; Dal Gruppo Pensiero e Azione, 8000; Un saluto ai compagni di Rosario 500; V. Salino, 500; Disabituto, 500; Crispi 500; José Tosti 1500; Pietro Carraro, 1500; C. Belloni, 1000; V. Garella, 2000; Fabbri Ettore; 500; P. L. 500; Eugenio, 500; Senza Confini 2000; Michele Baldassari 2000; N. 500; Barachini. 2000; Osson 2000; Mesti 500; Ezzechiello 1000; G. Del B. 2000; Del Bianco Carlo, 1500; Carlo Attuali, 1000; G. Berni, 1000; Del Bianco Galileo, 3000; Rodolfo Natali 2000 dal Gruppo Pensiero e Azione, 7000; Vespa, 5200; Mongaci, 1000; Bertini, 1000; Senza Confini, 500; N. N. 1000; Un' anarchista 800; J. Scarnato, 500; Bartol, Ruggero 500; Canesi Michele, 500; J. T. 1000; A. Grippa. 1000; Cavagnetto; 2000.

Total rs. 117\$000

